



III Congresso Nacional de Arquivologia

20 a 24 de outubro - Rio de Janeiro

Anais do III Congresso Nacional de Arquivologia
"Arquivologia e suas múltiplas interfaces"
Edição Ampliada



AAERJ

Associação dos Arquivistas
do Estado do Rio de Janeiro



ENARA

Executiva Nacional das Associações
Regionais de Arquivologia

De 20 a 24 de outubro de 2008
Rio de Janeiro

Executiva Nacional Das Associações Regionais De Arquivologia - ENARA

Coordenador: Daniel Beltran Motta

Entidades Filiadas:

ABARQ - Associação Brasiliense de Arquivologia

Presidente: Guaraci Paes

AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro (Coord.)

Presidente: Carlos Frederico Machado

AARQES - Associação dos Arquivistas do Estado do Espírito Santo

Presidente: André Malverdes

AAPR - Associação dos Arquivistas do Paraná

Presidente: Eleopércio Fiori

AABA - Associação dos Arquivistas da Bahia

Presidente: Pablo Soledade de Almeida Santos

Coordenação do III Congresso Nacional de Arquivologia

AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro

Coordenação Geral:

Daniel Beltran Motta - Coordenador da ENARA

Carlos Frederico Machado - Presidente da AAERJ

Anna Carla Almeida Mariz - Presidente da Comissão Científica do III CNA

Equipe de Apoio:

Alex Pereira de Holanda

Lucina Ferreira Matos

Marcelo Nogueira de Siqueira

Patrícia Kelly dos Santos

Paulo Rodrigues

Renato Motta

Vanessa de Arruda Jorge

Welder Antônio Silva

Wagner Ridolphi

Equipe de Divulgação:

Paraíba: Marcela Teixeira	Rio Grande do Sul: Vinícius Mitto Navarro
Bahia: Ricardo Sodré Andrade	São Paulo: Inaldo Nascimento Conceição
Goiás: José Adilson Dantas	Distrito Federal: Associação Brasiliense de Arquivologia – ABARQ
Paraná: Associação dos Arquivistas do Paraná – AAPR	Espírito Santo: Associação dos Arquivistas do Estado do Espírito Santo - AARQES

Comissão Científica

Anna Carla Almeida Mariz, DSc (Presidente)

José Maria Jardim, DSc

Luiz Cleber Gak, DSc

Julia Bellesse da Silva Lins, DSc

Vanderlei Batista dos Santos, MSc

Daniel Flores, DSc

Elaine Coutinho Marcial, MSc

Márcia Valéria Brito Costa, MSc

Comissão de Apoio Científico:

Alex Pereira de Holanda

Lucina Ferreira Matos

Marcelo Nogueira de Siqueira

Vanessa de Arruda Jorge

Welder Antônio Silva

Equipe Editorial

Coordenação:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta

Projeto Gráfico:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta
Welder Antônio Silva
Michel El-Chaer Saddock de Sá

Redação e Organização:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta
Lucina Ferreira Matos
Vanessa de Arruda Jorge
Welder Antônio Silva

Revisão:

Anna Carla Almeida Mariz
Daniel Beltran Motta
Vanessa de Arruda Jorge
Welder Antônio Silva

Edição e Distribuição:

ENARA - Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivologia
AAERJ - Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro
III Congresso Nacional de Arquivologia

C749t Congresso Nacional de Arquivologia (3. : 2008 : Rio de Janeiro, RJ)
III Congresso Nacional de Arquivologia : tema, arquivologia e suas múltiplas interfaces . - ed. aum. - Rio de Janeiro : ENARA : AAERJ, 2008.
1 cd-rom ; 4 ¾ pol.

1. Arquivologia - Congressos. I. Executiva Nacional das Associações Regionais de Arquivistas (Brasil).
II. Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro.
III. Título.

CDD: 027
ISBN: 978-85-62320-00-2

III Congresso Nacional de Arquivologia

Tema: "Arquivologia e suas múltiplas interfaces"

Eixos temáticos:

A Arquivologia contemporânea: métodos, objetos e dimensões teóricas.

A Arquivologia e suas relações com outros campos do conhecimento (seja nas práticas profissionais ou na produção do saber arquivístico)

Áreas de concentração:

1. Ensino e pesquisa em Arquivologia
2. Políticas arquivísticas
3. Normalização arquivística
4. Gestão e preservação de documentos digitais
5. Gestão e preservação de documentos audiovisuais
6. Tendências no mercado de trabalho
7. Relações interdisciplinares: confluências e antinomias.

Ementa:

A Arquivologia como território interdisciplinar. A arquivologia e as ligações que podem contribuir para o seu desenvolvimento. Os pontos de união com as outras áreas com as quais se relaciona e/ou faz fronteira, a compreensão dessas relações, os pontos de convergência e divergência e as disciplinas que favorecem os estudos arquivísticos e são favorecidas por eles. A arquivologia e o seu próprio território. A relação entre as partes do todo. O fortalecimento e o desenvolvimento da arquivologia. Reflexões sobre a área e as questões referentes ao seu objeto de estudo, considerando as suas especificidades.

Sessão de Abertura

Dia 20/10 – Arquivo Nacional
18hmin – 21h00min

Palestra:

Construção das múltiplas interfaces da Arquivologia

Maria Izabel de Oliveira

Sessões Plenárias

Dia 21/10 - Auditório – 25º andar
9h00min - 12h30min

Ensino e Relações Interdisciplinares da Arquivologia

Mediador: Renato Tarciso Barbosa de Sousa

Palestras:

Dimensões interdisciplinares da Arquivologia

José Maria Jardim

Ensino: tendências para a formação em Arquivologia

Luiz Cleber Gak

**Archivística y Sociedad. Un alianza imprescindible para el afianzamiento de la
profesión**

Maria da Paz Martín-Pozuelo Campillos

Dia 23/10 - Auditório – 25º andar
9h00min - 12h30min

Gestão e Preservação de Documentos Digitais

Mediador: Vanderlei Batista dos Santos

Palestras:

Fatores de risco de perda de documentos eletrônicos de caráter arquivístico
Mário Augusto Muniz Guedes

**Certificação Digital integrada ao GED: conceitos,
fundamentos, aplicabilidades e desafios para migração de documentos
analógicos para digitais**
Stefano Kubiça

Dia 24/10 - Auditório – 25º andar
9h00min - 12h30min

Normalizações e Políticas Arquivísticas

Mediador: Paulo Knauss

Palestras:

Normas e Políticas Públicas Arquivísticas: uma abordagem conceitual
Ana Celeste Indolfo

ISDF: Uma nova norma para a recuperação do contexto
Vitor Manoel Marques da Fonseca

Análisis prospectivo de las políticas archivísticas en españa
Maria da Paz Martín-Pozuelo Campillos

Comunicações Livres

Dia 21/10 - Sala 4 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: Ricardo Sodré Andrade
(Mestrando em Ciência da Informa o - UFBA)

Programa de Gestão Documental do Estado do Espírito Santo– PROGED
Alessandra Baptista Lyrio, Herlon Nardoto Gomes, Sandro Pandolpho da Costa,
Jussara Texeira, Ruth Mirian Salay de Mello, Aline Souza Gaigher, Silas Raasch

**Integra o de instrumentos de gestão documental ao sistema de
correspondência e processos administrativos da Universidade do Estado de
Santa Catarina (UDESC)**

Vânia Medeiros Ribeiro, Maria Lourdes Blatt Ohira, Delsi Fries Davok

**Gestão Arquivística de Documentos no Jornal Correio Braziliense: do
planejamento   a o**

Vânia Caldas, Paulo Vinícius Sette de Lima Mello, Michelle Ribeiro Cort s

**Sistema de Acervos e Arquivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:
o projeto-piloto na Faculdade de Ciências Econ micas**

Flavia Helena Conrado, Maria do Rocio Fontoura Teixeira

**A gestão arquivística em uma institui o de ensino em saúde: um estudo de
caso**

Aline Pestana de Menezes, Ana Carolina Andrade dos Santos, Janete Romeiro, José
Mauro da Concei o Pinto, Rodrigo Ferreira do Carmo

**Padroniza o de instrumentos de classifica o de documentos arquivísticos:
uma proposta para as Institui es Federais de Ensino Superior e Tecnológico
do Ministério da Educa o**

Inaldo Nascimento Concei o

**Identifica o de tipologias documentais como parâmetro para avalia o de
documentos contábeis**

Rafaela Augusta de Almeida

Dia 21/10 - Sala 5 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderadora: Lucina Ferreira Matos
(Mestranda em História, Política e Bens Culturais - FGV)

**A contribui o da Arquivística para a gestão do acervo fotográfico de um
Museu: O caso do Museu Histórico e de Artes de Ibiporã – PR - “Espaço de
Memória”**

Gleice Carlos Nogueira Rodrigues

Acervo fotográfico: produto das funções e atividades da Escola de Enfermagem Nossa Senhora Medianeira
Luciana Souza de Brito

Caricatura: análise, interpretação e representação documentária da imagem/texto
Rita de Cássia Souza Ribeiro

Representação e uso da fotografia jornalística em banco de imagens
Joice Cleide Cardoso Ennes de Souza

A migração de suporte para preservação do acervo sonoro da Rádio MEC
Marcelo de Oliveira Albuquerque e Munik de Araujo Miranda

Nova dança para uma velha orquestra: os sistemas nacionais de informação
Miriane da Costa Peregrino

A engenharia social e os profissionais da informação de arquivos empresariais
Tiago Braga da Silva, Attilio Provedel

Dia 22/10 - Sala 4 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: André Ricardo de A. V. Luz
(Mestrando em Ciência da Informação - UFF/IBICT)

Fluxos documentais em ambientes empresariais: características, tipologias e usos
Danilo André Bueno, Marta Lígia Pomim Valentim

Letramento digital: um subsídio na formação do profissional arquivista
Carlos Eugênio da Silva Neto, Janecely Silveira de Lima, João Wandemberg Gonçalves Maciel

Uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência: a publicação dos produtos das descrições arquivísticas em meio eletrônico
Ricardo S. Andrade, Rubens R. G. da Silva

Repositórios Digitais e unidades de informação tradicionais e suas interfaces na Sociedade Informacional
Sílvia Mendes Masson

Documentos eletrônicos em processos comerciais: o caso das cidades de Angra dos Reis (RJ) e São Paulo (SP)
Alexandre de Souza Costa, Alexandre de Souza Pontes

Projeto de modernização dos arquivos do TJDFT – ÁREA-FIM – PROMA

Otacílio Guedes Marques

Proposta de critérios para escolha de software gerenciador de arquivo: o caso do Centro de Memória da Extensão da UFES

Alzinete Maria Rocon Biancardi, Edílson Freire Filho, Luiz Carlos da Silva

Assinatura digital como fenômeno infocomunicacional: estudo de caso no judiciário brasileiro

Moisés Rockembach, Lizete Dias de Oliveira

Dia 22/10 - Sala 5 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: Flávio Leal da Silva
(Professor da UNIRIO e Doutorando em Memória Social – UNIRIO)

O arquivo e a memória das minorias sociais: um estudo do fundo “Grupo Somos” do Arquivo Edgard Leuenroth

Antonio Gouveia de Sousa

Memória do trabalho: o tratamento do fundo documental do Sindicomerciários-ES e a sua importância para a história local

André Malverdes

Arquivos pessoais como fonte de pesquisa para a Memória Institucional

Renato Crivelli Duarte

Estudo dos princípios de indexação e recuperação da informação em entrevistas de história oral

Daniele Cavaliere Brando

Usuários e pesquisas do arquivo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (ACMEC)

Tassiara Jaqueline Fanck Kich, Carlos Blaya Perez

Estudo de usuários como instrumento para gestão de arquivos permanentes: aplicação na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ

Ivone Pereira de Sá, Jean Maciel Xavier

Tratamento da documentação processual manuscrita do acervo do Tribunal Regional Federal do Rio de Janeiro século XIX e XX - características e peculiaridades

Solange Barbosa Bittencourt, Rosangela Maria Gaudie Ley Meneses

Antecedentes y perspectivas de la gestión del conocimiento en el Archivo Nacional de la República de Cuba desde la actividad de superación y postgrado visto a través de fuentes documentales

Edison Yamir Toledo Díaz

Dia 23/10 - Sala 4 – 18º andar
14h00min – 17h30min

Moderador: Welder Antônio Silva
(Mestrando em Ciência da Informação – UFF/IBICT)

A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em
Arquivologia no Brasil (1996-2006)
Eliezer Pires da Silva

A produção científica relacionada à Arquivística no Brasil: configuração de
um campo extradisciplinar
Angelica Alves da Cunha Marques, Georgete Medleg Rodrigues

A construção discursiva em Arquivologia: aspectos conceituais
Thiago Henrique Bragato Barros, João Batista Ernesto de Moraes

A trajetória da Arquivologia: três visões sobre os arquivos
Eliezer Pires da Silva

A formação do estudante de Arquivologia da Universidade Estadual da
Paraíba
Aryelly S. C. de Sousa, Francinete F. de Sousa, Josivan Soares Ferreira, José Tavares dos Santos

O mercado de trabalho do profissional arquivista da UEL face à sua formação
Edilene Fatel Aureliano, Gisele Barreiros Oliveira, Linete Bartalo

A importância da leitura para os discentes do Curso de Arquivologia da
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB
Josivaldo Soares Ferreira, Josivan Soares Ferreira, Marli Batista Fidelis, Josenildo Forte de Brito

Monitoria Eletrônica e Hipertextos: relevância de sua aplicação no ensino aos
profissionais da informação
Fernanda Pereira, Benildes Coura M. S. Maculan, Gercina Angela Borém O. Lima

Trabalhos apresentados nos Eventos Paralelos

21/10 - Auditório - 25º andar
14h00min – 17h30min

IV Reunião de Arquivos Judiciais

Gestão de documentos no Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro: uma evolução em gestão de documentos públicos
Gilberto de Souza Cardoso

22/10 - Auditório – 22º andar
09h00min – 12h30min

I Encontro Nacional de Arquivos Médicos

Projeto de revitalização e modernização dos Arquivos Médicos
Vania Franco de Oliveira

22 /10 - Sala 1 - 18º andar
09h00min – 12h30min

I Encontro Nacional de Documentação do Setor Energético

Nível de satisfação da organização documental da Usina Hidrelétrica de Itiquira – MT
Mariza Inês da Silva Pinheiro, Josilaine Oliveira César

23/10 - Sala 1 - 18º andar
14h00min – 17h30min

V Encontro de Paleografia e Diplomática

A Diplomática Arquivística Contemporânea: o papel teórico de Luciana Durante
Natália Bolfarini Tognoli

22/10 - Auditório – 22º andar
14h00min – 17h30min

II Encontro de Arquivos do Poder Legislativo

Os arquivos do Poder Legislativo da Paraíba: uma proposta de gestão documental
Ana Isabel de Souza Leão Andrade

Agradecimentos

Ana Lúcia Ferreira Gonçalves

André Ricardo Luz

Anna Szlejcher

Beatriz Kushnir

Carla Cavalcante de Hollanda

Carlos Wilton

Charley Luz

Cláudia Bemfica

Clube de Engenharia

Conselho Nacional de Arquivos

Ely Bastos de Lima

Fernanda Soares

Flávio Leal da Silva

João Euripedes Franklin Leal

João Nepomuceno

Lamberto Ricarte Serra Júnior

Marcos Moyses da Cunha

Maria Luiza Cavalcanti Jardim

Roberto da Costa Cardoso

Secretaria de Turismo da Prefeitura do Rio

Tereza Eleutério de Sousa

Vânia Maria Franco de Oliveira

Abertura do Congresso

A construção das múltiplas interfaces da arquivologia	18
---	----

Sessões Plenárias

Dia 21-10 Tema: Ensino e Relações Interdisciplinares da Arquivologia

Resumo do Mediador	27
--------------------	----

Ensino e relações interdisciplinares da Arquivologia	30
--	----

Ensino: tendências para a formação em Arquivologia	44
--	----

Archivística y Sociedad. Un alianza imprescindible para el afianzamiento de la profesión
(Texto não enviado pela palestrante)

Dia 23-10 Tema: Gestão e Preservação de Documentos Digitais

Resumo do Mediador	60
--------------------	----

Fatores de Risco de Perda de Documentos Eletrônicos de Caráter Arquivístico	63
---	----

Certificação Digital integrada ao GED: conceitos, fundamentos, aplicabilidades e desafios para migração de documentos analógicos para digitais	99
--	----

Dia 24-10 Tema: Normalizações e Políticas Arquivísticas

Resumo do Mediador	123
--------------------	-----

Normas e políticas públicas arquivísticas: uma abordagem conceitual	126
---	-----

ISDF: uma nova norma para a recuperação do contexto	138
---	-----

Análisis prospectivo de las políticas archivísticas en españa (Texto não enviado pela palestrante)

Comunicações Livres

Dia 21-10 sala 4

Resumo do moderador	146
Programa de gestão documental do estado do Espírito Santo – PROGED	148
A Gestão Arquivística em uma Instituição de Ensino em Saúde: um Estudo de Caso	157
O Sistema de Acervos e Arquivos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: um relato das atividades do projeto-piloto de organização do acervo documental da Faculdade de Ciências Econômicas	170
Padronização de instrumentos de classificação de documentos arquivísticos: uma proposta para as instituições federais de ensino superior e tecnológico do ministério da educação.	185
Gestão arquivística de documentos no jornal correio brasileiro : do planejamento à ação	203
Identificação de tipologias documentais como parâmetro para avaliação de documentos contábeis.	223
Integração dos instrumentos de gestão documental ao sistema de correspondência e processos administrativos (CPA) da universidade do estado de santa catarina (UDESC)	249

Dia 21-10 sala 5

Resumo do moderador	267
A engenharia social e os profissionais da informação de arquivos empresariais	269
A contribuição da arquivística para a gestão do acervo fotográfico de um museu.	283
Representação e uso da fotografia jornalística em banco de imagens	300
Acervo fotográfico: produto das funções e atividades da Escola de Enfermagem. Nossa Senhora Medianeira de Santa Maria	319
A migração de suporte para preservação do acervo fonográfico da rádio MEC	333
Nova dança para uma velha orquestra os sistemas nacionais de informação	346
Caricatura: análise, interpretação e representação documentária da imagem/texto	366

Dia 22-10 sala 4

Resumo do moderador (Texto não enviado pelo moderador)	
Documentos eletrônicos em processos comerciais: o caso das cidades de Angra dos Reis (RJ) e São Paulo (SP)	386
Fluxos documentais em ambientes empresariais: características, tipologias e usos	405
Letramento digital: um subsídio na formação do profissional arquivista	416
Proposta de Critérios para Escolha de Software Gerenciador de Arquivo: O Caso do Centro de Memória da Extensão da Ufes	430

Assinatura digital como fenômeno infocomunicacional: estudo de caso no judiciário brasileiro	440
Projeto de modernização dos arquivos do TJDFT – área-fim – PROMA	453
Uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência: a publicação dos produtos das descrições arquivísticas em meio eletrônico	468
Repositórios Digitais e unidades de informação tradicionais e suas interfaces na Sociedade Informacional	482

Dia 22-10 sala 5

Resumo do moderador	503
Memória do trabalho: o tratamento do fundo documental do Sindicomercários-ES e a sua importância para a história local	505
O arquivo e a memória das minorias sociais: um estudo do fundo grupo 'Somos' do arquivo Edgard Leuenroth	514
Estudo dos princípios de indexação e recuperação da informação em entrevistas de história oral	526
Antecedentes y perspectivas de la gestión del conocimiento en el Archivo Nacional de la República de Cuba desde la actividad de superación y postgrado visto a través de fuentes documentales.	539
Estudo de Usuários como instrumento para gestão de arquivos permanentes: aplicação na Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ	555
Arquivos pessoais como fonte de pesquisa para a Memória Institucional	566
Tratamento da documentação processual manuscrita do acervo do tribunal regional federal do Rio de Janeiro século XIX e XX – características e peculiaridades	579
Usuários e pesquisas do arquivo da casa de memória Edmundo Cardoso (ACMEC)	594

Dia 23-10 sala 4

Resumo do moderador	610
A produção científica relacionada à Arquivística no Brasil: configuração de um campo extradisciplinar	618
A trajetória da arquivologia: três visões sobre os arquivos	636
A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em arquivologia no Brasil (1996-2006)	656
Monitoria Eletrônica e Hipertextos: relevância de sua aplicação no ensino aos profissionais da informação	676
A formação do estudante de arquivologia da universidade estadual da Paraíba	687
O mercado de trabalho do profissional arquivista da Universidade Estadual de Londrina–UEL-face à sua formação	701
A importância da leitura para os discentes do curso de arquivologia da universidade estadual da Paraíba/UEPB	717
A construção discursiva em arquivologia: aspectos conceituais	734

Eventos Paralelos	
I Encontro Nacional de Arquivos Médicos	
Projeto de revitalização e modernização dos arquivos médicos	754
I Encontro Nacional de Documentação do Setor Energético	
Nível de satisfação da organização documental da usina hidrelétrica de Itiquira – MT	771
II Encontro de Arquivos do Poder Legislativo	
Os arquivos do poder legislativo da Paraíba: uma proposta de gestão documental	788
IV Reuniões de Arquivos Judiciais	
Gestão de documentos no poder judiciário do estado do Rio de Janeiro	801
V Encontro de Paleografia e Diplomática	
A diplomática arquivística contemporânea: o papel teórico de Luciana Duranti	824



REPRESENTAÇÃO E USO DA FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA EM BANCO DE IMAGENS

Jóice Cleide Cardoso Ennes de Souza¹

E-mail: joice.cardoso@gmail.com

UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Infoglobo Comunicações S.A, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O aspecto simbólico da imagem permite que o conteúdo da fotografia produzida no jornalismo diário seja transplantado para um banco de imagens, onde será representada através de conceitos subjetivos. Estudos sobre análise da imagem podem levar a uma reflexão sobre a descontextualização da imagem enviada para banco de imagens e a participação do profissional da informação na criação de “novas realidades”.

Palavras-chave: Representação de imagens. Acervo imagético. Banco de imagens.

1 INTRODUÇÃO

A informação jornalística e sua representação estão associadas ao conceito de responsabilidade social do jornalista/jornal pelo seu leitor. Ao apurar um fato jornalístico¹, o fotojornalista captura aquela realidade fugidia, impregnando a imagem de signos. Além do momento da criação, o fotógrafo representa o assunto registrado ao redigir uma legenda. Em uma etapa posterior, essa fotografia será representada pelos profissionais de informação da instituição visando seu arquivamento e recuperação.

Objetivamos fazer uma reflexão sobre o uso do registro fotográfico criado no âmbito de uma empresa de mídia impressa, em banco de imagens comercial. Analisaremos os diferentes usos da imagem a partir dos conceitos de realidade interior e exterior (KOSSOY, 2002), relacionando-os com as teorias de análise da imagem de Barthes (1990), Shatford (1986), Panofsky (1979) e Smit (1996).

O aspecto simbólico da imagem permite que o conteúdo da fotografia produzida no jornalismo diário seja transplantado para um banco de imagens, onde será representada

¹ Professora substituta do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense - UFF e coordenadora do Centro de Documentação e Informação da Infoglobo Comunicações S.A.

através de conceitos subjetivos como alegria, paixão, entre outros. Conceitos às vezes não observados pelo fotojornalista ao redigir a legenda identificadora.

A partir do registro fotográfico produzido pelos fotojornalistas do jornal O Globo, pretende-se estudar os critérios de seleção e representação das imagens enviadas ao Banco de Imagens da Agência O Globo pelo Centro de Documentação e Informação (CDI). Lançado em 2003 e atualmente com aproximadamente 10.000 imagens, o Banco de Imagens propõe divulgar na internet as imagens do acervo da Infoglobo Comunicações S.A.².

O Centro de Documentação e Informação é a unidade de informação responsável pela preservação, conservação, indexação, seleção, revisão e arquivamento do conteúdo jornalístico publicado nos jornais diários da empresa. Enquanto produtor da base de dados³, o CDI seleciona a população de documentos produzida pela Infoglobo a partir dos critérios definidos pela empresa dentro de sua atividade. Um dos desafios do centro de documentação é ser disseminador de informação para o público interno e externo da Infoglobo, assumindo assim um papel estratégico, pois extrapola as fronteiras territoriais, possibilitando o acesso dos usuários ao conteúdo, independente de sua localização geográfica.

2 ESTUDO TEÓRICO

2.1 FOTOJORNALISMO

Fotojornalismo, segundo Sousa (2002, p. 7), são as fotografias jornalísticas “que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado.” (2002, p. 7). Destaca ainda o autor o “valor jornalístico” das fotografias, apesar da dificuldade de defini-lo uma vez que cada veículo apresenta diferentes critérios de avaliação sobre o assunto que se tornará notícia.

São fotografias jornalísticas aquelas produzidas para ilustrar as notícias, as que integram projetos documentais ou histórias fotográficas, e os registros de fatos inusitados não previstos na pauta recebida pelo fotógrafo. Este trabalha numa “linguagem do instante” (SOUSA, 2002, p.10), objetivando condensar em um clique a essência do acontecimento e sua representação.

Sousa (2002, p. 9) esclarece que o fotojornalismo concilia fotografia e textos, uma vez que para informar um determinado fato é necessária uma legenda para orientar a construção de sentido para a mensagem. Para o autor, a fotografia em si não consegue mostrar conceitos abstratos ou identificar um momento particular, sendo compreendida através do texto.

O potencial comercial da fotografia jornalística é observado a partir de sua inclusão nos serviços oferecidos pela agência de notícias Reuters, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Paralelamente, agências fotográficas são criadas, possibilitando a internacionalização da produção fotojornalística. Além da produção vinculada ao órgão de imprensa, observam-se as fotografias autorais ou fotojornalismo de autor, sendo pioneira a agência Magnun, criada em 1947. Atualmente, os *quality papers* ou jornais de qualidade, como O Globo, Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, estão incentivando a produção de fotografias autorais, permitindo aos fotojornalistas serem criativos, rompendo a rotina da cobertura jornalística tradicional. A inclusão desse olhar nos arquivos de empresas de jornal possibilita a ampliação do escopo do acervo, uma vez que além do registro do cotidiano pautado pelas redações, registra-se o olhar do fotojornalista.

2.2 ETAPAS DE CRIAÇÃO DA IMAGEM

Para analisarmos o uso do fotojornalismo em banco de imagens, estudaremos as etapas de criação da imagem fotográfica segundo os estudos de Kossoy (2002; 2007). O autor analisa o processo de criação do fotógrafo a partir de diferentes aspectos que compõem a construção da representação: **componentes de ordem imaterial**, que compreendem os filtros individuais, psicológicos, sociais, ideológicos, além da experiência cultural e técnica do fotógrafo; os **componentes de ordem material** que correspondem à tecnologia utilizada: equipamentos e recursos técnicos; e o próprio **assunto** selecionado. (KOSSOY, 2002, p. 32) Em relação ao assunto podemos analisar o contexto do tema, a motivação pessoal ou profissional, as opções feitas pelo fotógrafo, de modo que no fim desse processo haja a materialização documental no espaço e no tempo com a representação da imagem fotográfica.

O processo criativo do fotógrafo é repleto de códigos, revelando aspectos visíveis e invisíveis, informação e emoção. (KOSSOY, 2007, p. 42) É a partir desse binômio que se baseia o potencial informacional das imagens criadas no âmbito da empresa jornalística e veiculadas em banco de imagens. A imagem jornalística permite a construção de diferentes

realidades: ao ser publicada, ao ser recuperada nos arquivos e ao ser comercializada. Kossoy esclarece que “as imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória”. (KOSSOY, 2007, p. 32)

A fotografia tem uma *realidade própria* que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma *segunda realidade*, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado. (KOSSOY, 2002, p. 22).

Kossoy (2002, p. 36) analisa a imagem a partir de dois conceitos: **realidade interior** e **realidade exterior**. O autor expõe que a fotografia possui dois tempos: de criação e de representação, o efêmero e o perpétuo. O primeiro fixa o acontecimento e a ação, é a 1ª realidade ou realidade interior, que vai além do documento, expondo o oculto da imagem, registro do momento fugidio captado pelo olhar do fotógrafo. Já a representação é o assunto registrado, a 2ª realidade ou realidade exterior, o nível aparente do documento. (KOSSOY, 2002, p. 39) A perpetuação dos registros e a construção de nossa memória são possíveis pelo tempo de representação, enquanto que a 1ª realidade permite a construção de diferentes interpretações e formação de conceitos pelos indexadores e receptores. Logo, “a realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento (...)” (KOSSOY, 2002, p. 38)

A “elasticidade” de interpretações da imagem fotográfica é apontada por Kossoy (2007, p.55). Uma vez que a imagem possui uma natureza polissêmica, sua recepção dependerá dos modelos mentais do receptor e dos seus objetivos ou usos em relação à fotografia.

No quadro abaixo, Kossoy ilustra os mecanismos internos da produção e da recepção das imagens. O processo de construção da interpretação da imagem pelo receptor se inicia a partir da comparação entre a segunda e a primeira realidade, o assunto registrado sendo confrontado com o momento de criação. Essa polaridade, segundo o autor (KOSSOY, 2002, p. 49), se estabelece no espírito do receptor, com base nos modelos mentais existentes, permitindo múltiplas interpretações.

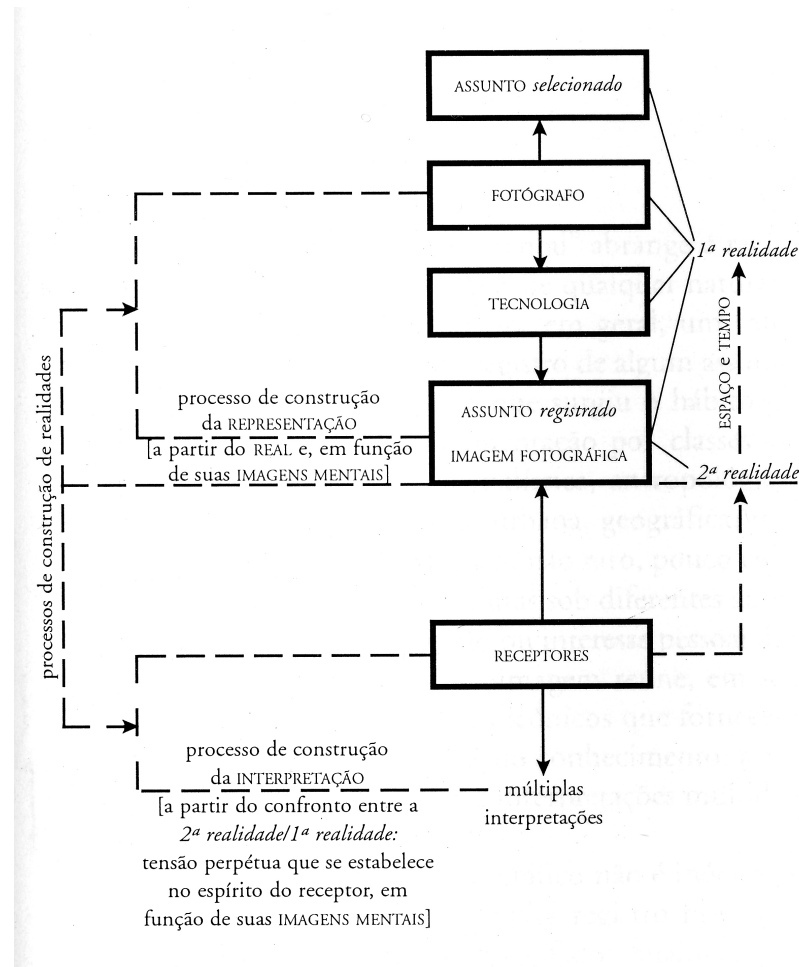


Figura 1- Mecanismos internos da produção e da recepção das imagens (Apud KOSSOY, 2002, p.49).

A possibilidade ficcional da fotografia (KOSSOY, 2007, p. 54) possibilita o receptor transcender o fato gerador do registro fotográfico, a representação assumindo uma infinidade de emoções e apreensões, muitas delas não identificadas pelo profissional de informação no ato da representação informacional com fins de recuperação. Kossoy aponta que “são as interpretações pré-construídas pelo próprio veículo que irão influir decisivamente nas mentes dos leitores durante o *processo de construção da interpretação.*” (KOSSOY, 2002, p. 55) Comprendemos a crítica do autor, mas o desafio de representar e recuperar fotografias jornalísticas produzidas e publicadas em um determinado contexto é constante em um arquivo de jornal. A representação documentária dessas fotografias em um banco de imagens amplia esse desafio, uma vez que os critérios de representação são distintos daquele aplicados no contexto editorial. Em vez de aspectos objetivos, como data de publicação, as pessoas que aparecem, local, etc, há a preocupação de destacar sentimentos, aspectos subjetivos da imagem.

2.2 ANÁLISE DA IMAGEM

Na literatura, diferentes teóricos discorrem sobre a questão imagética e sua análise. Susanne Ornager (1997) e Roland Barthes (1990) abordam especificamente a questão da representação de imagens no âmbito jornalístico. Ornager (1997) faz um levantamento em diferentes arquivos de jornais da Dinamarca, estudando as formas de pesquisa dos usuários e a relação existente entre os tipos de imagens e as características dos veículos de imprensa. Apesar de retratar uma realidade escandinava, o estudo da autora se aproxima do dia-a-dia de uma unidade de informação localizada em jornal brasileiro. A utilização do termo indexação para as diferentes etapas percorridas pela imagem, a descrição dos perfis de usuários, os termos usados na representação para a recuperação das imagens publicadas são alguns dos pontos em comum.

Já Barthes (1990) analisa a fotografia jornalística enquanto mensagem de uma fonte emissora (redação do jornal), canal de transmissão (o jornal em si) e meio receptor (leitor). Tanto na fonte emissora quanto no meio receptor observaremos métodos de interpretação diferenciados, que alteram a compreensão da mensagem fotográfica. A fotografia de jornal possui uma autonomia estrutural, que é a própria imagem enquanto uma reprodução da realidade, que se identifica com outra estrutura que é a notícia ou legenda que acompanha a fotografia. Para o autor, a fotografia jornalística não existe dissociada da legenda que pretende dar um significado único (denotação). Já a conotação, relevaria os aspectos subjetivos, dependendo do conhecimento prévio ou dos modelos mentais do observador e da cultura em que está inserido. A peculiaridade da fotografia jornalística consiste no fato de ser um objeto de trabalho, submetido aos constrangimentos organizacionais: é selecionada, composta, construída, tratada segundo as orientações editoriais e mesmo ideológicas adotadas pelo veículo de imprensa, que posteriormente é lido pelo público leitor. (BARTHES, 1990, p.14). O paradoxo fotográfico consiste justamente no fato de uma mensagem conotada se desenvolver a partir de uma mensagem sem código.

Além de Barthes, a discussão teórica de como analisar imagens também é observada por Panofsky (1979) e Sara Shatford (1986). O primeiro expõe os três atos de interpretação da imagem: descrição pré-iconográfica (o observador deve estar familiarizado com os objetos), análise iconográfica (o observador deve estar familiarizado com os conceitos representados) e interpretação iconológica (o observador deve estar familiarizado com o significado). A partir dos dois primeiros níveis de interpretação de Panofsky, Shatford (1986) propõe uma

diferenciação: *a imagem é De que?* indica o significado factual da imagem (genérico), e a imagem é **SOBRE** o que? indica o significado expressional (específico). Fazendo paralelo com Barthes, seria a denotação e conotação de uma imagem, respectivamente.

Shatford (1986, p. 54) aponta princípios para a indexação de imagens, orientando sobre a importância de se considerar a natureza e uso do acervo, a determinação dos assuntos a serem considerados mais relevantes, a ordem de prioridade dos termos e a análise dos recursos humanos e orçamentários disponíveis. No nosso entendimento, a representação e recuperação de imagens devem principalmente levar em conta as características do acervo e de seus usuários para selecionar a linguagem adequada tanto ao conteúdo quanto para a demanda, e adequar as atividades a serem realizadas às condições financeiras e de pessoal existentes.

Por sua vez, Johanna Smit (1996) esclarece que a representação da imagem deve ser condizente com sua forma, não podendo ser feita de maneira mecânica. A partir de Panofsky e Shatford, a autora propõe que para essa representação sejam necessárias duas formas de leitura: o conteúdo informacional e a expressão fotográfica. Smit (1996, p. 33) também observa a importância da seleção de imagens a partir de critérios semelhantes aos mencionados acima por Shatford (1986) e norteia seu trabalho de indexação usando as categorias QUEM, ONDE, QUANDO e O QUE.

Em seus estudos sobre a criação da imagem, Kossoy (2007, p. 47; 2002, p. 59) propõe que para um registro fotográfico seja analisado e interpretado devemos fazer uma análise iconográfica onde serão destacados os elementos constitutivos (fotógrafo, assunto), coordenadas de situação (espaço, tempo) e pesquisa com fins de identificação (quem, como, que, quando). Objetiva-se com a análise iconográfica decodificar a **realidade exterior**, o assunto registrado. Além disso, propõe que o registro fotográfico seja interpretado iconologicamente, segundo Panofsky, mencionado anteriormente, onde será decifrado o que não está explícito no conteúdo da imagem, o oculto da representação, a **realidade interior**.

Confrontando a proposta de análise da imagem de Kossoy com os princípios de indexação de Shatford, o questionamento *a imagem é De que?* defendido pela autora poderia ser correlacionado com a análise iconográfica de Kossoy, enquanto que *a imagem é SOBRE o que?* estaria associado à interpretação iconológica do registro fotográfico.

A questão da imagem enquanto representação redutora da realidade é abordada por Santaella (1997, p.189). Segundo a autora, “na fotografia e seus sucedâneos se trata sempre de



um recorte, da captura de um fragmento que se separa do corpo do mundo à maneira de um corte”. (SANTAELLA, 1997, p. 191). Fazendo um paralelo com a representação da informação jornalística, observamos que em um veículo de circulação diária, imagem e texto são duas linguagens para representar a mesma realidade. São dois profissionais, repórter e fotojornalista, retratando o mesmo acontecimento. Para Susan Sontag (2004, p. 170), este acontecimento ao ser capturado pela câmera, transforma aquela realidade, aquele olhar em testemunho ou prova da realidade. E essa realidade ao ser levada para uma redação de jornal, é submetida às normas internas da organização, que se reflete no material publicado. Ainda Sontag (2004), a fotografia permite ao observador ter controle sobre o tema cuja interpretação sofrerá variações de acordo com a vivência e percepção de cada um, e se não tiver conhecimento mínimo para apreender, aquela imagem não terá significado para o espectador. Dentro de um centro de documentação de uma empresa jornalística, a indexação refletirá o olhar do fotógrafo, o olhar do profissional de informação e os dados de publicação da imagem.

Sontag (2004, p. 172) esclarece que “quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação, adapta-se a esquemas de classificação e de armazenagem (...)”. Uma vez que a fotografia jornalística possui o principal objetivo de ilustrar o fato jornalístico, o sistema de informação reúne conjuntos de documentos que assumem o papel de perpetuadores tanto da memória da trajetória organizacional quanto da História da cidade e/ou do país.

Mesmo sendo uma reflexão sobre a imagem fílmica como testemunho do passado, as idéias colocadas por Michele Lagny (2000) em seu texto nos permite fazer uma reflexão sobre a imagem e a interpretação da História. Partindo-se do pressuposto que a fotografia é uma representação da realidade, um olhar do fotógrafo, testemunho que dá veracidade a um fato, poderíamos considerar que uma coleção de fotografias originais seria fonte fidedigna para estudos científicos variados. A fidedignidade das imagens é um ponto questionado atualmente com a naturalização das tecnologias que possibilitam trabalhar/alterar os registros fotográficos, porém, dentro da produção jornalística que existiam dispositivos que permitiam editar a imagem segundo o espírito criativo do editor⁴.

O uso das câmeras digitais no universo jornalístico trouxe grandes mudanças no cotidiano dos profissionais que trabalham com os registros visuais. Desde a técnica de como fotografar, como o número de imagens produzidas, seu armazenamento e tempo de recuperação, todos os processos foram revistos e adequados à nova tecnologia. Como bem coloca Santaella (2003, p.141), “(...) as transformações que a produção digital vem

introduzindo não tocam apenas a superfície e aparência das imagens. Elas também trazem conseqüências epistemológicas, pois muda com elas o modo de representação das coisas”. Podemos estender essa análise para o desafio representado pela ausência do profissional da informação na intermediação das pesquisas dos usuários que acessam os *sites* de banco de imagens *online* e o pleno atendimento das necessidades desse usuário.

2.4 REPRESENTAÇÃO E RECUPERAÇÃO DO CONTEÚDO DA IMAGEM

A partir de Hjørland (1992) podemos fazer uma reflexão teórica sobre a representação da imagem produzida no âmbito do jornalismo diário que será direcionada para um banco de imagens com fins comerciais. O autor investiga teoricamente o conceito de **assunto** na Ciência da Informação à luz do realismo/materialismo, considerando o assunto de um documento como sendo um dos potenciais epistemológicos daquele documento.

A análise das diferentes visões epistemológicas pelo autor nos possibilitou refletir sobre os pontos positivos e negativos de cada teoria. No idealismo subjetivo, um documento pode ser ordenado de acordo com as estruturas conceituais e percepções individuais dos usuários. Fazendo um paralelo com a representação do registro fotográfico, a imagem pode ter diferentes interpretações, seja pelo jornalista, pelo usuário ou pelo profissional da informação. Podemos questionar: o que seria relevante para ser representado e conseqüentemente recuperado? A resposta a essa pergunta definirá o assunto que se tornará memória e, conseqüentemente, o que ficará no silêncio. Outro ponto abordado por Hjørland é o fato do sistema de informação não ser subserviente ao usuário, mas sim trabalhar conjuntamente conteúdo e demanda. Contudo, acreditamos que dentro da dinâmica de um banco de imagens com fins comerciais, a participação do usuário na representação conceitual das imagens é decisiva.

Ainda para Hjørland (1992), o idealismo objetivo não considera o uso do potencial dos documentos. O assunto é definido através de uma análise teórica. Os diferentes documentos partilham de “idéias” expressas por um determinado assunto, que apresenta a característica dessa idéia. Já a partir da concepção realista/materialista, os documentos refletem a visão subjetiva do autor dos assuntos enfocados e possuem propriedades objetivas. O registro fotográfico produzido em jornal pode ser estudado sob esse aspecto: reflete a percepção subjetiva do fotojornalista e as normas da instituição em que está inserido.

Segundo Cordeiro (2000, p. 81-87), ao representar um documento, o indexador deve seguir os seguintes princípios: **da margem de segurança** – identificar informações que não ofereçam equívocos de interpretação por parte do usuário; **do acesso coletivo** – identificar informações abrangentes com vistas a atender grupos de usuários; **da coincidência** – identificar informações comuns entre os documentos; e **da polirrepresentação** – identificar as múltiplas necessidades informacionais de um documento, permitindo diferentes pontos de acesso ao mesmo.

As diferentes propriedades dos documentos podem ter significados distintos para propósitos diversos, como a fotografia jornalística usada tanto na mídia impressa diária como em uma peça publicitária. O mesmo documento apresenta propriedades e usos diferenciados em diferentes meios. Os documentos possuem atributos lógicos e predicados que determinam a relação desses com os predicados de outros documentos.

Para analisarmos o processo de criação, seleção, indexação das fotografias jornalísticas para banco de imagens enquanto um sistema de recuperação da informação (SRI), estudaremos a abordagem cognitiva. Esse enfoque considera o SRI como um processo interativo, estudando o sistema desde a manifestação da necessidade informacional por parte do usuário, não se restringindo somente ao momento que o usuário faz a solicitação ao sistema. (VARGAS-QUESADA; MOYA ANEGÓN; OLVERA LOBO, 2002).

A principal idéia formulada por De Mey (Apud INGWERSEN, 2002, p.16) é que a informação ao ser processada, seja perceptiva ou simbólica, é mediada por um sistema de categorias ou conceitos que reflete o modelo mental de mundo do ser humano ou da máquina que processa a informação.

Segundo Ingwersen (2002, p. 15), principal expoente do modelo cognitivo, são várias as razões para adotar a abordagem cognitiva. Além de oferecer uma análise mais específica do processo de recuperação interativa da informação, conduz a um entendimento aprofundado do conceito de informação para a Ciência da Informação. Analisando o modelo cognitivo de recuperação interativa da informação de Ingwersen (Figura 2) observamos que vários atores participam das estruturas cognitivas de um sistema de recuperação da informação: o tipo de documento e seu domínio, a política de indexação e a linguagem adotada, os indexadores e os autores, os usuários, a interface entre acervo e usuário e a organização em que está inserido o sistema informacional.

No centro do modelo, revelando sua importância para a teoria de Ingwersen, está o usuário e seu espaço cognitivo, sua necessidade informacional levada por um estado anômalo de conhecimento⁵. Ingwersen (apud VARGAS-QUESADA; MOYA ANEGÓN; OLVERA LOBO, 2002, p. 108) chama atenção para a dificuldade do usuário em expressar na forma escrita a sua necessidade informacional, 'dando um nome' para ela ou 'etiquetando-a' durante o processo de recuperação. Essa necessidade informacional pode variar de acordo com a integração do usuário ao sistema.

À direita da figura, se localiza o meio-ambiente, que seria o entorno organizacional ou social, que atinge diretamente as estruturas cognitivas dos usuários, autores e profissionais de informação, além de influenciar o sistema de informação. O meio-ambiente atua nos objetivos e preferências do ser humano, alterando suas solicitações. A instituição ou grupo profissional onde está inserido o sistema de informação demanda um tipo característico de informação e tratamento, influenciando diretamente na geração da informação, como por exemplo, no jornalismo.

Os objetos informacionais ou a informação armazenada se localiza na parte superior da figura e consistem nos documentos ou dados propriamente ditos: documentos textuais, imagéticos, sonoros, áudio-visuais, metadados, entre outros. Também contemplamos nessa área as estruturas cognitivas dos autores dos documentos e dos indexadores. Estes se manifestam a partir da análise do conteúdo dos documentos e seleção dos termos que melhor representam o assunto na linguagem adotada pelo sistema.

Na parte inferior do quadro, o sistema de informação é composto pelas solicitações dos usuários, as técnicas de representação empregadas, a estrutura da base de dados, as normas de indexação e a política de informação do sistema. Por último, a interface de busca que é o elemento intermediário entre a solicitação do usuário e o resultado propriamente dito.

Segundo Ingwersen (1996, p. 9), a interação entre os objetos informacionais e o sistema de informação adquire um nível cognitivo momentâneo por ocasião da indexação realizada por seres humanos. Contudo, esse nível cognitivo é perdido quando a busca é intermediada pelo sistema, uma vez que, no nosso entendimento, o contexto do momento da indexação é substituído pelo contexto do usuário no ato da pesquisa, no qual ele faz uso de suas próprias estruturas cognitivas.

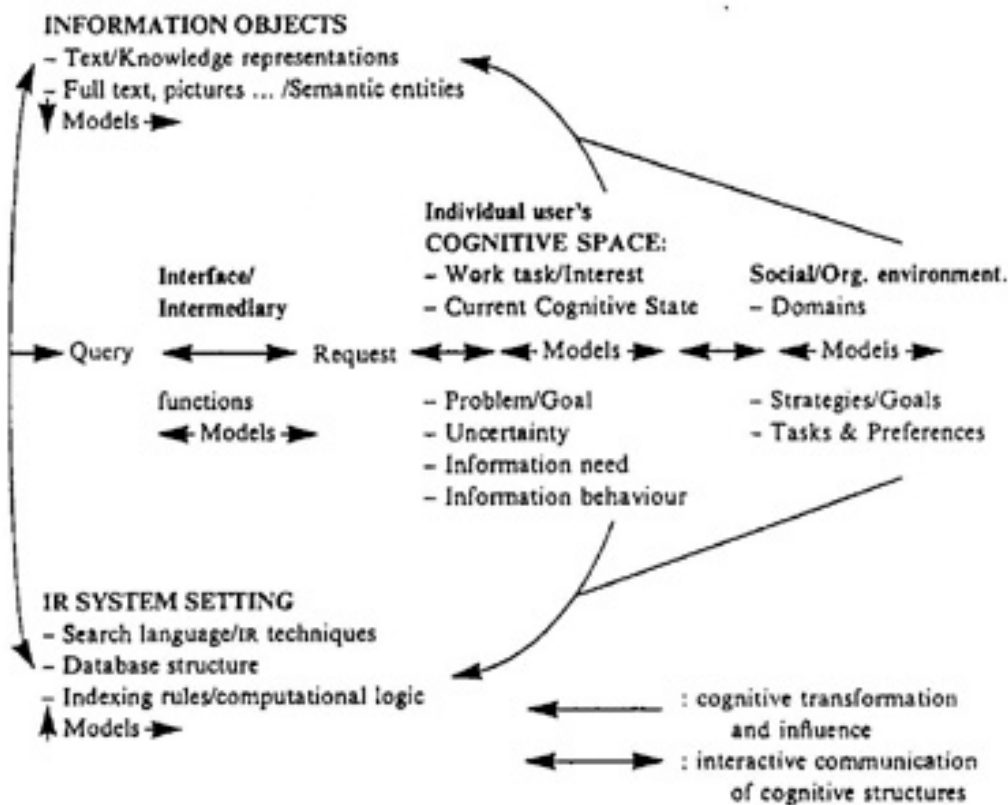


Figura 2 - Modelo Cognitivo de Recuperação Interativa de Informação (apud INGWERSEN, 1996, p. 9)

3 ESTUDO EMPÍRICO

Como já mencionado anteriormente, a fotografia jornalística produzida no âmbito das atividades da Infoglobo é preservada, indexada e armazenada pelo CDI. A empresa exige do CDI agilidade e eficácia no tratamento e na recuperação da informação, seja nas buscas realizadas pelo público interno – os jornalistas - seja pelo público externo - com interesses variados.

Segundo informações no *site*⁶, o Banco de Imagens da Agência O Globo⁷ reúne uma amostra do acervo dos jornais O Globo e Extra. Com atualização diária, o *site* está dividido nas categorias Editorial e Publicidade. A categoria Editorial apresenta fotografias jornalísticas de personalidades e momentos importantes da História. Entre seus temas: Esportes, Meio Ambiente, Música e TV. Com imagens plásticas voltadas para as necessidades do mercado publicitário, a categoria Publicidade está dividida pelos temas Ação, Arquitetura, Clássicas, Gastronomia, Indústria, Paisagens e Urbanas.

A heterogeneidade da população de usuários das imagens faz com que o tratamento da informação dado pelo CDI seja diferenciado. Atualmente, a imagem produzida nas atividades do jornalismo diário recebe dois tipos distintos de representação. Primeiramente, contempla o usuário primeiro daquele acervo, o jornalista. A imagem é representada a partir dos dados fornecidos pelo fotojornalista e/ou pelo repórter que apurou o fato jornalístico. Ao ser selecionada para fazer parte do Banco de Imagens, a imagem é analisada a partir de conceitos subjetivos e estéticos definidos previamente, e recebe um tratamento informacional direcionado ao usuário potencial: agências de publicidade, editoras, gravadoras, entre outros.

As fotografias jornalísticas produzidas são indexadas a partir da legenda identificadora redigida pelo fotógrafo e pelo contexto de sua publicação, consultando a notícia publicada com a imagem. No exemplo a seguir podemos observar o tratamento informacional recebido por uma imagem publicada primeiramente no jornal O Globo e depois selecionada para compor o Banco de Imagens da Agência O Globo.

A imagem fotográfica criada por Custódio Coimbra ilustra um raio que cai sobre a estátua do Cristo Redentor. Publicada na parte inferior da primeira página do Globo no dia 10 de fevereiro de 2008, o registro fotográfico ganha destaque pelo seu tamanho em relação ao restante da página e por sua beleza estética. O texto-legenda de duas linhas que a contextualiza: temporal no Rio de Janeiro durante a noite deixa vários bairros sem luz.

O fotojornalista seguiu os procedimentos habituais ao dar entrada na Editoria de Fotografia, onde a imagem recebeu a identificação: 10/02/2008 (data em que foi produzida), Custódio Coimbra (nome do fotógrafo), RI (sigla da Editoria para a qual a imagem foi produzida – nesse caso, Editoria Rio) e a legenda “Fim de tarde com chuva de raios. Cristo Redentor visto do Flamengo às 19:30h”.

No centro de documentação, a fotografia foi indexada e recebeu as seguintes informações que constam no formulário do sistema, que seguem o padrão IPTC⁸: local da fotografia – Corcovado, palavras-chave: meteorologia, raio, estátua e monumento, além de sinalizar os dados de publicação: nome do jornal, data de publicação, página, edição, editoria, caderno e coluna/seção. Observamos que não há uma descrição da imagem seguindo os padrões arquivísticos, mas sim a preocupação de associar essa imagem a uma data de publicação, além de representá-la com palavras-chave oriundas de um vocabulário controlado multidisciplinar e corporativo, desenvolvido dentro das atividades do CDI, tendo como base a representação da informação jornalística publicada pela Infoglobo. (SOUZA, 2007)



Figura 3- Primeira página do jornal O Globo, publicada em 11/02/2008.

Uma vez enviada para o Banco de Imagens, a imagem foi categorizada como Urbana e recebeu a seguinte indexação: chuva, cinza, Cristo Redentor, Custódio Coimbra, raio, relâmpago, Rio de Janeiro, tempestade e trovão.

Fazendo um paralelo da representação acima com aquela realizada com base na publicação da imagem no jornal, observamos que diferentes aspectos da imagem são focados pela representação direcionada ao mercado publicitário. Destacamos principalmente a indexação pela cor cinza, além das palavras que de alguma forma descrevem a imagem, como relâmpago, chuva e tempestade. É importante destacar que a representação da imagem com fins comerciais é feita por analistas de informação do próprio CDI, que não utilizam nenhuma linguagem de indexação estruturada, pois inexistente tal recurso no ambiente de produção do Banco de Imagens. A seleção das palavras-chave é livre e a ausência de controle terminológico pode gerar sinonímia.

Uma característica de arquivo de jornal é a republicação de imagens fora do contexto de sua criação. Na figura acima, podemos observar que em 21 de julho de 2008, a fotografia do Cristo foi republicada na revista Digital, suplemento com conteúdo da área de tecnologia,

ilustrando uma notícia sobre como prevenir danos em eletrodomésticos causados por raios. A legenda publicada alerta: “Grande ameaça são as tempestades elétricas – nem o Redentor escapa”. Como coloca Kossoy (2002, p. 76), “a autonomia da imagem fotográfica permite transplantes de seus conteúdos para os mais diferentes e, por vezes, inusitados contextos”.

DESLIGUE-SE 21

ORA, COM UM BILHÃO DE raios e trovões

Dicas para sair de férias e deixar seus eletroeletrônicos também descansando

CARLOS ALBERTO TEIXEIRA

Antes de sair de férias é prudente seguir algumas dicas quanto às instalações elétricas dos computadores e da residência. Quem nos dá esses macetes é a entidade que representa os fabricantes brasileiros de aparelhos elétricos, a NEMA Brasil (www.nema-brasil.org.br), filiada à National Electrical Manufacturers Association, fundada em 1926 nos EUA.

Apenas apagar as luzes e desligar os computadores e outros aparelhos não é suficiente, pois persiste o risco de sobretensão elétrica, ocorrência de voltagens superiores aos 110 ou 220 volts normais da rede. O correto é retirar todos os aparelhos eletroeletrônicos das tomadas.

Raios, mesmo distantes, podem queimar aparelhos domésticos mesmo quando não estão em funcionamento. As descargas se propagam pela rede de distribuição de energia e entram pelos cabos que ligam a instalação doméstica à rede pública, chegando às tomadas dentro das residências, podendo ocasionar incêndios.

A alternativa à retirada dos equipamentos das tomadas é instalar dispositivos de proteção contra surtos no quadro de força ou na própria tomada, entre a rede elétrica e o aparelho. Mas não é algo que o usuário médio possa fazer sozinho sem contratar um eletricitista, que pode também ajudar na escolha do dispositivo certo para cada caso.

Recomenda-se também desconectar cabos de telefone, de modem, antenas de TV convencional, TV a cabo ou satélite, e cabos de provedores internet, pois também podem conduzir picos destrutivos de energia causados por raios nas cercanias.

Essas dicas preventivas servem também para ocasiões de tempestade elétrica pesada nas redondezas pois, afinal, um raio pode cair estando você em casa ou ausente em férias.

Desconectar aparelhos das tomadas também economiza energia: geladeira, freezer, rádio-relógio, microondas e todos os demais eletroeletrônicos que têm luzes de *stand-by*, aquelas luzinhas que normalmente permanecem acesas indicando que o aparelho está ligado à força.

A média de consumo mensal seria: geladeira (36 kWh), cinco luzes de *stand-by* (3,6 kWh), rádio-relógio (7,2 kWh), lâmpada de 40 W man-

tida acesa para “afugentar ladrão” (28,8 kWh). Isso daria um total de 75,6 kWh, o que redundaria numa economia estimada, incluindo impostos, de R\$ 28,35. Dá quase duas entradas de cinema. ■

Cortês/Contexto/Arquivo

GRANDE AMEAÇA são as tempestades elétricas — nem o Redentor escapa

Figura 4 – Página 21 da revista Digital, do jornal O Globo, publicada em 21/07/2008.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas questões teóricas apontadas, podemos levantar alguns questionamentos sobre a descontextualização das fotografias localizadas em bancos de imagens e a participação do profissional de informação na criação de “novas realidades”, ao representar as imagens fotográficas a partir de conceitos subjetivos, direcionando a apreensão do receptor.

Entendemos que a associação de registros fotográficos com origens diferenciadas para servir a um determinado propósito deve-se ao aspecto simbólico da fotografia. Ou seja, o que une imagens produzidas por diferentes fotógrafos e em diferentes momentos em categorias é a questão simbólica.

Apesar de haver diferenças entre a fotografia jornalística e a fotografia na publicidade, uma vez que a primeira “resulta do instante, do acaso”, enquanto na segunda o fotógrafo publicitário “constrói uma cena em torno de um sentido” (PÉNINOU apud CORDEIRO,

2008, p. 10), caberá ao usuário e sua liberdade interpretativa definir o significado da mensagem da imagem. Tal liberdade permite que a fotografia produzida no âmbito jornalístico apresente potencial informativo, estético e sensitivo e, conseqüentemente, seja selecionada para configurar em um banco de imagens comercial. O aspecto subjetivo da imagem merece uma análise aprofundada por permear os diferentes processos classificatórios sofridos pela fotografia. No caso do Banco de Imagens da Agência O Globo, o registro fotográfico é categorizado em Editorial e Publicidade, e posteriormente em temas. Esta categorização já pressupõe em si uma variedade de interpretações, de acordo com a vivência e percepção de cada profissional de informação, quer seja o editor de imagem ou o analista de informação responsável pela representação. Além disso, há a descontextualização da fotografia jornalística, uma vez que a mesma é “retirada” do conjunto produzido pelo fotógrafo. Em média são produzidos de 10 a 20 fotogramas sobre o mesmo tema, permitindo ao observador uma linha condutora sobre o assunto registrado.

O profissional da informação ao representar uma imagem constrói “novas realidades”. Que linha condutora deve-se seguir ao analisar um registro fotográfico? Como representar o documento imagético se cada indivíduo possui experiências de vida e modelos mentais diferenciados? Como atender ao usuário com eficácia?

Aliada à atuação do profissional de informação, propõe-se a participação do usuário no ato representacional da fotografia jornalística oferecida em Banco de Imagens. Cook (2007, p.127) aponta o potencial de uma nova categoria de dados nas descrições arquivísticas: a catalogação gerada por usuários (*User-Generated Cataloguing* – UGC).

Este novo conceito é desafiador para o profissional de informação por diferentes motivos: tecnologicamente precisamos estar preparados para essa nova maneira de trabalhar, incorporando e disseminando as contribuições do usuário; porém, instigante mesmo será repensar o controle terminológico, uma vez que a própria concepção de controle vai contra a filosofia de plena participação do usuário.

REPRESENTATION AND USE OF JOURNALISTIC PHOTO IN IMAGEBANK

Abstract

The symbolic aspect of the image permits the content of the photography produced in daily journalism to be transferred from the archives to image bank, which will be represented by subjective concepts. Studies on image analysis could lead a reflection both about the decontextualization of the image sent to the image bank and the participation of professional information in the creation of “new realities”.

Keywords: Image representation. Imagetic collection. Image database.

¹Segundo Marconi Oliveira (2005), o fato jornalístico é o relato ou narração de um determinado fato que tenha sido publicado em jornais, revistas ou em outros meios de comunicação.

² Empresa que publica os jornais O Globo, Extra e Expresso

³ Segundo princípio descrito por Lancaster (2004, p. 1) analisamos as diferentes etapas percorridas pelo documento em um sistema de informação.

⁴ Editor é a pessoa responsável por uma seção do jornal.

⁵ Expressão cunhada por Belkin, Oddy e Brooks (apud VARGAS-QUESADA, 2002, p.108)

⁶ www.agenciaoglobo.com.br/bancodeimagens

⁷ Órgão responsável pela comercialização da produção editorial dos produtos da Infoglobo (O Globo, Extra, Expresso e Globo Online).

⁸ IPTC (Internet Protocol Telecommunications Council) é um consórcio formado por agências de notícias, editoras, e empresas de notícias, com o objetivo de promover a padronização na troca de conteúdo jornalístico.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A escritura do visível: a imagem: a mensagem fotográfica: a retórica da imagem: o terceiro sentido. In: ____ **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.11-61.

COOK, Michael. Desenvolvimentos na descrição arquivística: algumas sugestões para o futuro. **Acervo**: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.20, n.1-2, p.125-134, jan/dez 2007.

CORDEIRO, Ricardo. Fotografia publicitária e fotografia jornalística: pontos em comum. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-ricardo-fotografia-publicitaria.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2008.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. **Informação e movimento**: uma ciência da arte fílmica. Rio de Janeiro: Madgráfica Editora, 2000.

HJORLAND, Birger. The concept of ‘subject’ in information science. **Journal of Documentation**, v. 48, n.2. p.172-200, June, 1992.

INGWERSEN, Peter. Cognitive Perspectives Of Information Retrieval Interaction: Elements of a Cognitive IR Theory. **Journal of Documentation**, v. 52, n. 1, p. 3-50, March 1996.

_____. **Information retrieval interaction**. London: Taylor Graham, 2002. (Versão eletrônica disponível em: www.db.dk/pi/iri)

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia – O Efêmero e o Perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAGNY, Escrita fílmica e leitura da história. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p 19-37, 2000.

LANCASTER, F.W. **Indexação e Resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

ORNAGER, Susanne. Image Retrieval: theoretical analysis and empirical user studies on accessing information images. In: ASIS ANNUAL MEETING, 60.,1997,Washington. Proceedings...Medford: ASIS,1997.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução da arte da Renascença. In: _____.**Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva,1979. p. 45-87.

SANTAELLA, Lucia. Artes híbridas. In:_____: **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003. cap. 6, p. 135-150.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. Os três paradigmas da imagem. O imaginário, o real e o simbólico. In: ____ **Imagem, cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997, cap. 11, p.157-193, cap. 12, p.187-193.

SHATFORD, Sara. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging and Classification Quartely**, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SILVA, Marconi Oliveira da. **Notícia e realidade**. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.cm.br/artigos.asp?cod=267dac003>>. Acesso em: 22 set. 2005.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

SONTAG, Susan. O mundo-imagem. In: _____. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2004. p.169-196

SOUZA, Joice C. C. E. **Avaliação de linguagem de indexação aplicada à informação jornalística: estudo de caso**. Niterói, 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado) Ciência da Informação – Universidade Federal Fluminense. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2007.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002. Disponível em:



<http://www.scribd.com/doc/504735/fotojornalismo-uma-introducao-a-historia-as-tecnicas-e-a-linguagem-da-fotografia-na-imprensa>. Acesso em 22 mai. 2008.

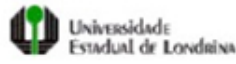
VARGAS-QUESADA, Benjamín; MOYA ANEGÓN, Félix; OLVERA LOBO, Maria Dolores. Enfoques en torno al modelo cognitivo para la recuperación de información: análisis crítico. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 31, n. 2, p. 107-119, maio/ago. 2002.



III Congresso Nacional de Arquivologia

20 a 24 de outubro – Rio de Janeiro

Apoiadores :



Patrocínio



Realização



Organização

